



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

520 anos das Capitânicas Hereditárias. 510 anos da descoberta do Rio da Prata por navegantes portugueses. 490 anos da fundação da Companhia de Jesus. 470 anos do Colégio de São Paulo. 460 anos do desembarque de Estácio de Sá em Salvador. 410 anos da vitória de Jerônimo de Albuquerque na Batalha de Guaxenduba, MA. 400 anos da invasão holandesa, tomada de Salvador e início da Guerra do Açúcar. 370 anos da Batalha da Campina do Taborda e do Tratado do Taborda. 340 anos da revolta de Manuel Beckmann no MA. 310 anos do fim da Guerra dos Mascates em PE. 270 anos do início da Guerra Guaranítica. 250 anos da vitória do Major Rafael Pinto Bandeira no Combate de Santa Bárbara, RS. 200 anos da primeira Constituição do Brasil. 170 anos da 1ª ferrovia brasileira pelo Barão de Mauá. 160 anos do início da Guerra do Paraguai e morte de Antônio João. 150 anos do Combate do Ferrabraz, RS, na Guerra dos Muckers. 120 anos da Revolta da Vacina e da Escola da Praia Vermelha. 110 anos do início da I GM. 100 anos da Revolução Paulista. 80 anos do desembarque aliado na Normandia (06 Jun), da partida do 1º Escalão da FEB para a Itália e da inauguração da Academia Militar das Agulhas Negras. 70 anos da Crise de 1954: Manifesto dos Generais, atentado da Rua Tonelero, suicídio de Getúlio Vargas e acontecimentos decorrentes. 60 anos da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, SP, da rebelião militar que deu origem à Contra-Revolução Democrática de 31 de março e da eleição do Gen Humberto de Alencar Castello Branco para a Presidência da República. 30 anos da conquista do tetracampeonato de futebol na Copa do Mundo dos EUA pelo Brasil.

ANO 2024

Agosto

Nº 459

Aníbal Barca – o general que foi um dos maiores inimigos dos romanos

O general cartaginês Aníbal Barca foi um dos grandes militares da antiguidade e, até hoje, é referência pelas táticas utilizadas em batalha.

Julie Tsukada - Publicado em 2019

Quem foi Aníbal Barca?
Aníbal Barca foi um general cartaginês conhecido pela sua atuação durante a Segunda Guerra Púnica, conflito entre romanos e cartagineses que durou entre 264 e 146 aC. Grande estrategista, é considerado um dos principais militares da antiguidade. Filho do também general Amílcar Barca, Aníbal nasceu em 247 aC, em Cartago.

O território, antiga colônia dos fenícios, estava localizado na costa norte do continente africano, onde hoje está a Tunísia. Banhado pelo mar Mediterrâneo, era um local estratégico para importantes rotas comerciais da antiguidade, que se dirigiam à Espanha, Sardenha e Sicília.

Biografia

Desde cedo, Aníbal sabia que teria sua vida dedicada aos conflitos com os romanos. Segundo o historiador grego Políbio e o romano Tito Lívio, que são as duas principais fontes de informação sobre a vida do general, aos nove anos ele ouviu do pai que deveria, para sempre, odiar os romanos.

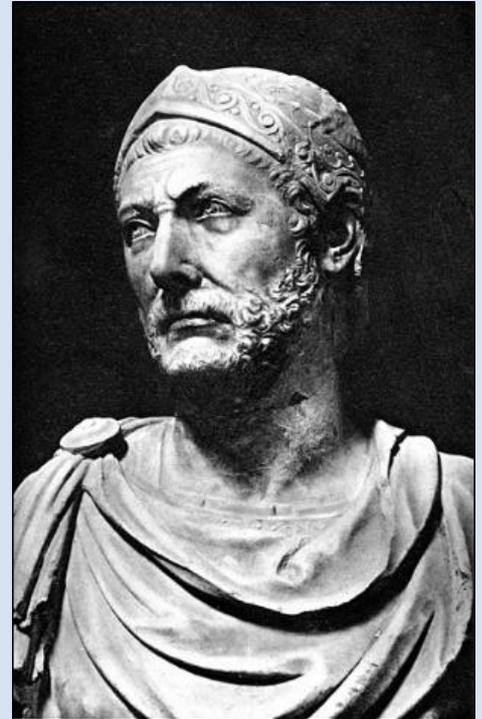
A explicação para tamanha antipatia vem do longo conflito de Cartago com Roma – as Guerras Púnicas.

O confronto teve início devido à rivalidade comercial que se desenvolveu entre as duas repúblicas. Antes, as duas eram aliadas, mas com o projeto de expansão romano e a disputa pela hegemonia das rotas, a relação que antes era amistosa se tornou hostil.

Teve, então, o início da Primeira Guerra Púnica. O conflito começou em 264 aC e só terminaria em 241 aC, com um resultado desolador para Amílcar, pai de Aníbal, general das tropas: 280 mil mortos e o controle dos romanos de parte do território de Cartago.

Com a morte de Amílcar no inverno de 229-228 aC, o genro do general, Asdrúbal, comanda o poder de Cartago até sua morte, em 221 aC, quando é assassinado por um celta. Com então 26 anos, Aníbal se torna o novo estadista cartaginês.

Nota: púnico, ou púnica, se refere a um dialeto semítico usado pelos cartagineses.



A vida como general

Logo após assumir o poder de Cartago, Aníbal começa a expansão dos territórios pela Espanha, onde conquista vários tribos espanholas. Em 219 aC, ele ataca Sagunto, uma cidade ibérica independente ao sul do rio Ebro, o que desestabiliza ainda mais as já abaladas relações com os romanos.

Isso ocorre porque segundo o tratado de Roma e Cartago após o fim da Primeira Guerra Púnica, o rio Ebro foi colocado como o limite norte da influência cartaginesa na Península Ibérica (região que engloba Portugal, Espanha, Gibraltar, Andorra e uma pequena fração do território da França).

Sagunto estava ao sul do rio, sendo então um território livre para ser conquistado. No entanto, os romanos possuíam relações amistosas com a cidade, e por tal amizade e pela proteção que lhe ofereciam, consideraram o ataque cartaginês como um ato de guerra. Assim, começa a Segunda Guerra Púnica, em 218 aC, que duraria até 201 aC.

Segunda Guerra Púnica

Estrategista, Aníbal passou o inverno de 219 e 218 aC em Cartagena, preparando-se para iniciar a guerra pela Itália, local que ele reconheceu como ser a maior força de Roma. Como a marinha não era o forte das tropas cartaginesas, a invasão pelo mar, mais curta, teve que ser deixada de lado. O general decidiu então realizar um feito até então impensável: cruzar a região dos Alpes para penetrar na Península Itálica.

Não seria uma tarefa fácil – os Alpes são uma região montanhosa, fria, com picos que permanecem nevados até mesmo no verão, mas Aníbal estava decidido. Deixou então seu irmão Asdrúbal a cargo de um exército na Espanha e partiu com milhares de homens para a fronteira entre os atuais territórios da França e Itália.

Estratégias

Aníbal sabia que era importante ter apoio para seu lado. Logo, para conquistar mais pessoas e encontrar menos resistência pelo caminho, ele colocava a si mesmo como um homem que iria liberar a população espanhola do controle romano.

Inovador, Aníbal trouxe um recurso bélico até então não visto na Europa: elefantes. Os animais eram utilizados antigamente pelos exércitos indígenas da Ásia, mas não pelos da Europa. A maior parte dos europeus nunca havia tido contato com esses animais. Por isso, rumores de como os bichos eram extremamente violentos e devoravam homens eram considerados verdade.

Aníbal se aproveitou dessa imagem errônea para psicologicamente aterrorizar os romanos. O exército cartaginês era menor, mas eles estavam com elefantes, que davam suporte à cavalaria. A ideia desse “comboio” chegando até Roma fazia com que os cartagineses fossem ainda mais temidos. Assim, graças ao medo, o general conquistava batalhas antes mesmo delas acontecerem.

Na marcha do exército cartaginês pelos Alpes, eles encontraram tribos hostis que entraram em conflito com os soldados. Em certas partes do caminho, não havia passagem, o que exigiu que eles mesmo as abrissem, com muita criatividade e artimanhas.

Existem teorias que apontam que para passar pelas rochas intransponíveis da cordilheira, eles queimavam troncos de árvore em cima dessas pedras e, em seguida, jogavam vinagre, para fazer com que elas esfarelassem. Outras já dizem que o exército cartaginês levava um reservatório de água gelada, que era jogada sobre as rochas após montarem uma fogueira. Assim, com o choque térmico, elas enfraqueciam e então, era possível atravessá-las.

Os romanos, por sua vez, não tinham a mínima ideia dos movimentos do exército de Aníbal. A ideia da travessia dos Alpes era tão absurda que eles sequer consideraram a possibilidade. Quando eles se deram conta de que sim, os cartagineses estavam atravessando a cordilheira de montanhas, o general **Públio Cornélio Cipião** (depois, o Africano) foi enviado para interceptá-los.

O início das batalhas

Logo no primeiro confronto, a Batalha de Ticino, o exército cartaginês saiu vitorioso. Depois, veio a Batalha de Trébia, na qual Aníbal conquistou mais uma vitória.

Após Trébia, Aníbal se recolheu ao norte da Itália, onde começou a desenvolver os planos para a campanha da primavera. Lá, ele começou a desenvolver estratégias para evitar que fosse assassinado por espiões ou assassinos contratados pelos romanos que porventura pudessem estar em seu acampamento.

Segundo Políbio, Aníbal possuía uma série de perucas que o faziam parecer com um homem de uma idade diferente. Cada vez que ele as usava, o vestuário acompanhava a mudança.

Assim, ele se tornava difícil de reconhecer, tanto por aqueles que já o haviam visto brevemente, tanto por aqueles que o conheciam bem.

Com a chegada da primavera, era hora de outro confronto. Em 217 aC, o exército cartaginês derrotou novamente o romano na Batalha do lago Trasímeneo.

Roma decide então usar uma nova tática. Agora sob o comando do general Fábio Máximo, o exército romano evitava confrontos diretos, frente à frente – ele preferia utilizá-lo de forma a prevenir ataques ou a retirada do exército cartaginês da Itália. A estratégia, mais tarde, seria conhecida como “Protelador”.

Aníbal também tinha seus truques na manga. Conhecer o inimigo, o terreno de uma batalha e saber aproveitar os pontos fortes de seu exército, bem como também descobrir formas de compensar os (pontos) fracos, também demonstram porque o general foi um grande estrategista. O cerco duplo, por exemplo, tática na qual duas linhas ofensivas são organizadas em pontos diferentes, é criação do cartaginês.

A genialidade de Aníbal deu suas caras mais uma vez na retirada do exército cartaginês rumo a Canas. Cercados pelas tropas romanas, o general enganou o exército de Fábio com gado. Nos chifres dos animais capturados, os soldados colocaram tochas e as guiaram por uma colina próxima à vista dos romanos.

Achando que eram os cartagineses, os romanos seguiram até o local, onde foram surpreendidos por atiradores. A outra parte da tropa de Aníbal, experiente em manobras durante a noite, passou pelo caminho agora desprotegido e escapou com quase nenhuma perda. Partiram então para Canas, onde o general deu tempo para seus homens descansarem.

Batalha de Canas: a ascensão

Com a chegada de Aníbal e seu exército em Canas, os romanos enviaram os cônsules Lúcio Emílio Paulo e Caio Terêncio Varrão, junto a um batalhão com cerca de 50 mil homens. Os cartagineses estavam em desvantagem, com 40 mil soldados no exército e 10 mil na cavalaria.

As observações e planejamentos dariam frutos. Aníbal sabia que Varrão ansiava o confronto e achava que a batalha já estava ganha. Logo, o cônsul não inovaria na posição do exército romano, que entrou em formação tradicional, avançando em direção ao centro das linhas inimigas para quebrá-las.

Pareceu que a tática daria certo. Os cartagineses, posicionados de forma crescente, tinham a infantaria ligeira de Gauls na frente e centro e a infantaria pesada atrás deles. A cavalaria leve e a pesada ficaram nas asas (flancos). Quando a batalha teve início, o centro da formação cartaginesa começou a romper (recoo premeditado do centro do dispositivo), levando os romanos cada vez mais para dentro das linhas inimigas.

A infantaria ligeira, então, se moveu para os dois extremos da formação crescente, e a pesada avançou para a frente. A cavalaria cartaginesa, por sua vez, atacou a romana, e foi até a retaguarda do exército inimigo.

Os romanos, avançando e seguindo a tática tradicional, não se deram conta e acabaram em uma armadilha – o exército, por todos os lados, estava completamente cercado pelos cartagineses. Foram completamente aniquilados: 44 mil romanos morreram, enquanto as tropas de Aníbal perderam apenas seis mil homens. Esta foi uma das principais derrotas de Roma na história.

A nova estratégia romana

Depois da vitória triunfante na Batalha de Canas, todos esperaram que Aníbal invadiria Roma. A população, completamente desesperada, se mobilizou para defender a cidade. No entanto, Aníbal recuou. Suas tropas estavam exaustas e precisava(m) de reforços, como armas de cerco, necessárias para romper as muralhas romanas. A ajuda, no entanto, foi negada pelo Senado de Cartago.

“Você sabe como conquistar uma vitória, Aníbal Barca, mas não sabe como tirar proveito dela”.

A fala de Maharbal, comandante da cavalaria cartaginesa, resumiria bem o destino de Aníbal depois da Batalha de Canas. O general propõe um tratado de paz a Roma, que é rejeitado. A Segunda Guerra Púnica ainda não chegaria ao fim.

O exército de Aníbal se manteve no sul da Itália por mais algum tempo, sem confrontos diretos com Roma, que os evitava após Canas. Os romanos haviam aprendido sua lição e agora, monitoravam os movimentos dos cartagineses e fortaleciam suas alianças. Bloquearam o Mar Mediterrâneo e assim, lentamente, deixaram a tropa de Cartago isolada e enfraquecida, sem poder receber ajuda e outros recursos do território.

Nesse período, ascendia o general romano Públio Cipião – o Africano (o mesmo da batalha de Ticino). Um dos sobreviventes da Batalha de Canas, ele se voluntariou como comandante das tropas para a defesa de Roma contra Aníbal. Com um exército de 10 mil soldados e mil homens na cavalaria, ele partiu para encontrar o batalhão cartaginês.

Cipião x Cartago

Cipião e o exército romano começaram sua ofensiva pela Espanha, onde Asdrúbal, irmão de Aníbal, ainda continuava. A decisão foi tomada para prevenir que o exército cartaginês na Península Ibérica chegasse à Itália e reforçasse as tropas de Aníbal.

A estratégia de Cipião deu certo. Em 208 a.C., ele derrotou Asdrúbal na Batalha de Bécula usando a mesma tática de Aníbal em Canas.

Com a conquista do general romano dos territórios de Cartago na Espanha, Asdrúbal percebeu que havia chegado a hora de se reunir com Aníbal. Ele e sua tropa tentaram fazer a mesma travessia do irmão, pelos Alpes, mas fracassaram – na Batalha do Rio Metauro, Asdrúbal foi derrotado e morto pelas tropas romanas de Cláudio Nero.

Cipião, depois de ter conquistado a Espanha, partiu rumo ao norte da África. Em 205 a.C., ele se aliou a Massinissa, rei da Númida, território localizado ao lado de Cártago. Depois, o general romano tomou a cidade cartaginesa de Utica e então, marchou até a capital Cartago.

Batalha de Zama e fim da Segunda Guerra Púnica

Com a aproximação dos romanos a Cartago, Aníbal e seu exército partiram da Itália para a terra natal. As duas tropas se encontraram em 202 a.C., na Batalha de Zama.

Aníbal não sabia quase nada sobre Cipião nem o havia enfrentado. O romano, por sua vez, estudou cuidadosamente as táticas do general cartaginês. Enquanto o exército de Aníbal usava uma posição horizontal e desta vez, contava com elefantes, o general de Roma posicionou suas tropas em linhas verticais, divididas em fileiras.

Quando o confronto começou, o batalhão de Aníbal atacou com os elefantes. Os romanos, em formação horizontal, não tiveram problemas – apenas se moveram para o lado, enquanto os animais corriam pelo espaço entre uma parte do batalhão e outra.

O feitiço virou contra o feiticeiro – o exército romano matou os treinadores dos elefantes e agora, comandava os animais, os que arrasou com o exército cartaginês. Aníbal sobreviveu, mas sua tropa foi derrotada. Chegava ao fim a Segunda Guerra Púnica.

Fuga e morte

Após a derrota de Zama, Aníbal aceitou uma posição como Chefe do Magistrado de Cartago, na qual atuou tão bem como quando era general. Com as reformas que deu início, a cidade pode pagar as multas impostas por Roma, criadas para enfraquecer o território.

O mesmo Senado, que havia recusado enviar ajuda para as tropas de Aníbal durante a Segunda Guerra Púnica, agora o denunciava à Roma. A alegação era de que ele estaria tentando fazer Cartago crescer para poder desafiar os romanos novamente.

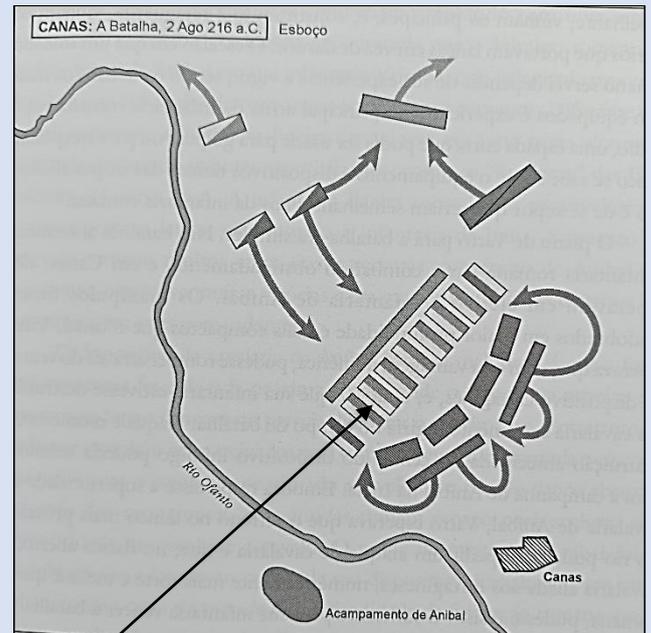
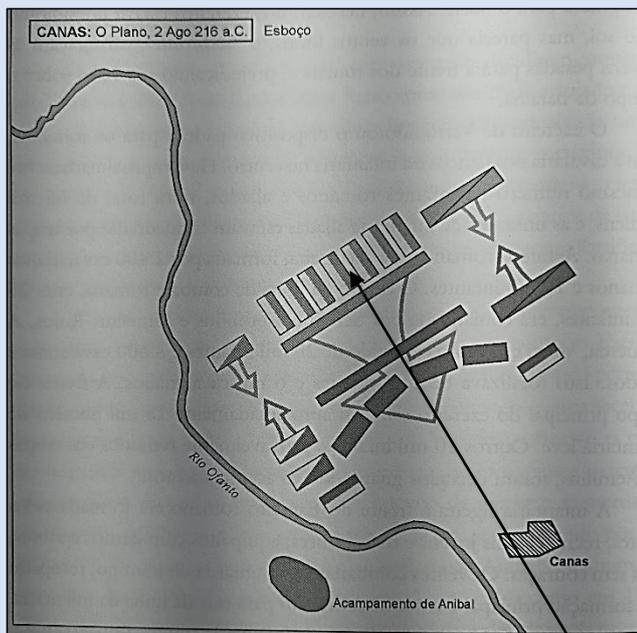
Em Roma, Cipião foi acusado de simpatizar com Aníbal, perdoar este e liberá-lo mediante suborno. O general defendeu Aníbal como um homem de honra e impediu que os romanos enviassem uma delegação exigindo a prisão do cartaginês. Entretanto, Aníbal soube que teve sorte e que era uma questão de tempo até ele ser pego.

Aníbal partiu então para a Ásia menor, onde se tornou conselheiro do rei Antíoco III Magno, do Império Selêucida. Depois, ele foi nomeado almirante da marinha na guerra do território contra Rodes, aliado de Roma.

Com a derrota dos selêucidas, Aníbal fugiu para a corte do Rei Prúsias I, da Bitínia. Lá, ainda perseguidos pelos romanos, decidiu tirar sua própria vida com um veneno que carregava dentro de um anel.

Antes de se suicidar, teria dito: “Libertemos Roma dos terrores que lhes causa um velho”.

Aníbal faleceu com 64 anos. Mesmo sem nunca ter ganhado uma guerra, ficou marcado na história por ser um dos grandes estrategistas e militares da antiguidade.



Romanos

Batalha de Canas
2 de agosto 216 a.C.

Cartagineses comandados por Aníbal
28.500 homens na infantaria pesada
11.500 homens na infantaria ligeira
10.000 cavalarianos
Perdas leves, não conhecidas

Romanos comandados por Caius Varro
55 mil homens na infantaria pesada
15 mil homens na infantaria ligeira
6 mil cavalarianos
52 mil mortos e 19.300 prisioneiros

Momentos críticos

- Aníbal desdobra sua infantaria com o centro do dispositivo em uma saliência do terreno
- Os primeiros embates de cavalaria ocorrem em ambos os flancos
- A infantaria romana tem sucesso contra o centro do dispositivo cartaginês
- A cavalaria de Aníbal, vitoriosa, manobra sobre a retaguarda da cavalaria romana remanescente
- A infantaria africana de Aníbal gira em torno de ambos os flancos da infantaria romana
- Apanhada em um cerco, a infantaria romana é aniquilada

Abaixo, Cipião, o Africano.



Guilherme Paraense: O primeiro esportista brasileiro a conquistar uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos, modalidade tiro.

Foi militar integrante do Exército Brasileiro, com a patente de tenente e atleta do Fluminense Football Club. Em Belém do Pará, sua terra natal, existe uma Arena Poliesportiva cujo o nome é "Arena Guilherme Paraense".

A Arena Guilherme Paraense, conhecido como Mangueirinho é um ginásio com capacidade para 11.970 pessoas, e está localizado em Belém, Pará. É o maior e mais moderno ginásio poliesportivo da Região Norte, sendo o primeiro e único da região e um dos cinco do país completamente climatizado. Além dos esportes indoor, como vôlei, basquete, handebol e futsal, a arena foi projetada para receber diferentes eventos como, por exemplo, UFC ou shows musicais, já que também dispõe de um palco móvel.



Paraense embarcou para Antuérpia, em 1920, com delegação de vinte companheiros de modalidades diferentes (natação, polo aquático, saltos ornamentais, remo e tiro esportivo) a bordo do navio Curvello, todos por conta própria, pois o COB não organizou a viagem oficial. A precariedade da viagem foi grande, de 3ª classe em camarotes pequenos e

sem ar, os atletas dormiram no chão do bar, após a saída do último cliente, precisando acordar cedo para treinar improvisadamente no convés.

Informados na Ilha da Madeira de que o navio não chegaria a Antuérpia a tempo de participarem das provas, desceram em Lisboa, de onde prosseguiram de trem até a Bélgica, em um trem aberto, sob chuva e sol. Após viagem que durou 27 dias, na conexão em Bruxelas parte das armas e a munição de Paraense foram roubadas.

Com tantos percalços, a equipe brasileira de tiro (formada por Afrânio Costa (capitão), Sebastião Wolf, Dario Barbosa, Fernando Soledade, Demerval Peixoto, Mario Maurity e Guilherme Paraense) chegou aos Jogos com moral baixa, sem alimentação e sem material esportivo. Impressionados com a situação dos colegas, os atiradores americanos lhes emprestaram armas e munição, modernas fabricadas especialmente pela Colt, e com elas os brasileiros derrotaram seus benfeitores, ganhando ouro, prata e bronze no Tiro.

Paraense, porém, ganhou o ouro com sua própria arma, guardada até hoje por sua filha Oysis Paraense Ferreira.

Retornando da Europa com a equipe, desta vez num navio bem mais confortável que o Curvello, depois que a notícia da façanha chegou ao Brasil, Paraense foi recebido pelo então presidente da República Epitácio Pessoa e ganhou uma placa de ouro comemorativa.

Em 1989 foi homenageado pelo Exército Brasileiro, que batizou com o nome "Polígono de Tiro Tenente Guilherme Paraense" o conjunto de estandes de tiro da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em Resende (RJ).

Em 1922, foi campeão sul-americano de tiro esportivo. Campeão brasileiro de tiro esportivo por várias vezes, foi também campeão carioca pelo Fluminense e pelo São Cristóvão.

Paraense seguiu sua carreira militar, chegando ao posto de coronel. Participou da Revolução de 1930.

Em 1968, faleceu aos 83 anos de infarto no Rio de Janeiro, sendo mais reverenciado na Europa que no Brasil.

#GuilhermeParaense #Curiosidades

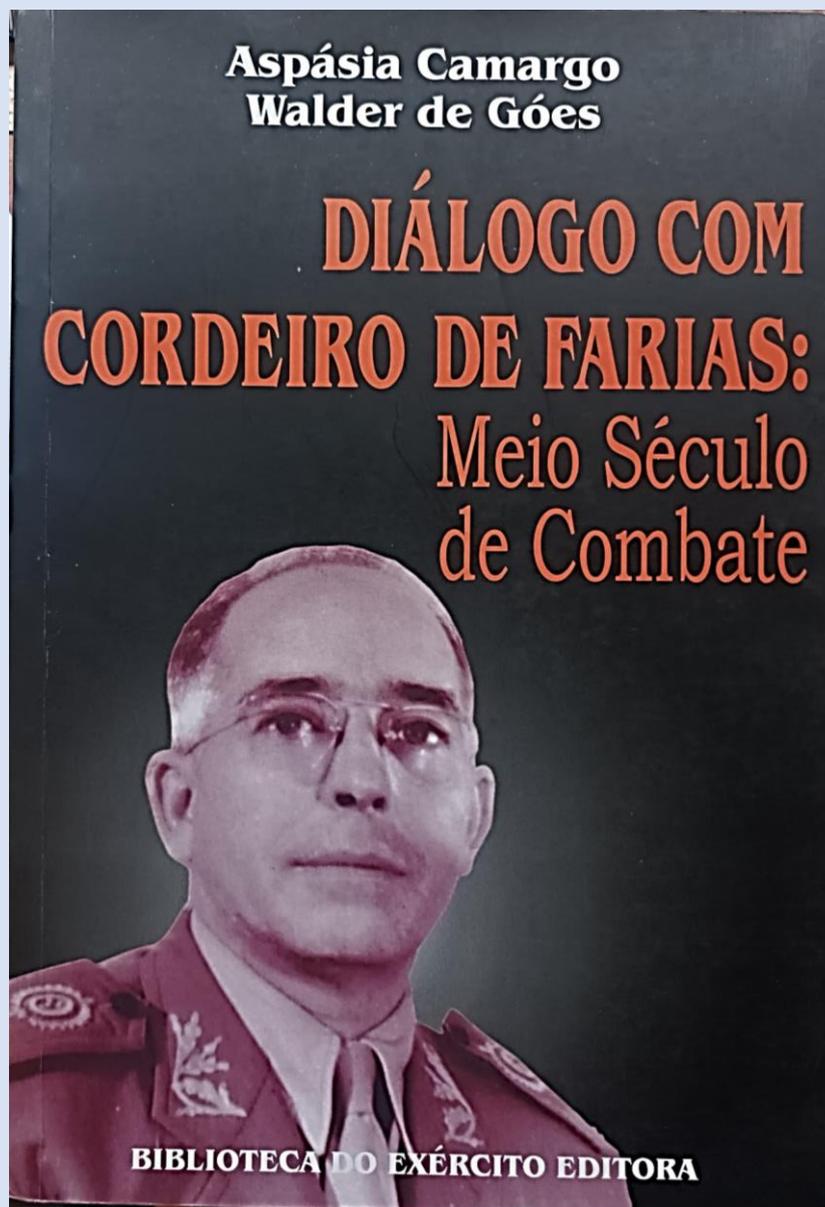


DOAÇÃO DE LIVRO

A obra cuja capa segue na página seguinte foi doada à AHIMTB/RS pelo prezado Coronel de Cavalaria Cabral, da turma de 1973 da AMAN e está à disposição dos interessados.

Referência:

CAMARGO, Aspásia; GÓES, Walder de. Diálogo com Cordeiro de Farias - Meio século de combate. Rio de Janeiro: BIBLIEx Editora, 2001, 633 páginas.



A Apresentação do livro é de autoria do General de Divisão Sérgio Luiz Vaz da Silva, na época em que este era Comandante da Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Exército, Vila Militar, Rio de Janeiro.

Reproduzimos abaixo o texto da Apresentação do Gen Vaz da Silva.

APRESENTAÇÃO

Com a finalidade de homenagear o seu patrono, no centenário de seu nascimento, o Comando da Artilharia Divisionária da 1ª Divisão do Exército (AD/1) teve a iniciativa de propor à Biblioteca do Exército Editora a reedição do livro *Meio Século de Combate: diálogo com Cordeiro de Farias*, de autoria da cientista política Aspásia Camargo e do jornalista Walder de Góes, lançado pela Editora Nova Fronteira em 1981.

A obra, resultado de um trabalho intenso de seus autores, veio a público no ano de falecimento do marechal e retrata importante quadra da nossa história, desde 1920. *Meio Século de Combate: diálogo com Cordeiro de Farias* transcreve os depoimentos de quem

esteve presente e participou ativamente de revoluções naqueles agitados anos, com destaque na Coluna Miguel Costa-Prestes, na Revolução de 1930, na Segunda Guerra Mundial - como comandante da artilharia da Força Expedicionária Brasileira - e na Revolução de 31 de março de 1964.

Ao longo de sua vida, o Marechal Cordeiro de Farias teve a oportunidade de ocupar relevantes cargos. Foi interventor no Rio Grande do Sul, nomeado pelo Presidente Getúlio Vargas, e Governador de Pernambuco, eleito pelo voto direto.

Fundou e foi o primeiro comandante da Escola Superior de Guerra (ESG) e, no governo Castello Branco, ocupou o cargo de Ministro Extraordinário para Coordenação dos Organismos Regionais (MECOR).

Em 26 de junho de 1981, pela Portaria Ministerial 638, o Exército atribui à AD/1 a Denominação histórica de Artilharia Divisionária Cordeiro de Farias, em justa homenagem àquele que organizou, preparou e comandou o apoio de fogo brasileiro nos campos de batalha da Itália, durante a Segunda Grande Guerra. Foi, também, o reconhecimento pelos excelentes serviços prestados à Força Terrestre, desde o ingresso na Escola Militar, em 1917, até a transferência para a reserva, em 1965.

Os dois registros transcritos a seguir representam com fidelidade e caracterizam a racionalidade do Marechal Cordeiro de Farias, seu modo de ser, agir e sua competência na administração pública como na condição de comandante militar na guerra.

O Presidente Castello Branco, ao aceitar seu pedido de demissão do cargo de ministro, dirigiu-lhe uma carta em que afirmava:

"Mais tarde, o Ministro da Coordenação dos Organismos Regionais passou a ser o revolucionário na Administração Pública. Fundou um ministério, estruturou-o em todo o território nacional deu atualidade a órgãos antigos e fez funcionar uma nova máquina de desenvolvimento, de controle e de coesão nacional. Introduziu novos métodos para socorro a populações submetidas a calamidades, inclusive na apuração de consequências e aplicação de recursos federais. Tudo, no seu setor, operou racionalmente, sem alarde nem propaganda, com a sua presença e autoridade em toda parte, numa dedicada mobilidade para verificar, decidir e orientar. Soube situar suas atribuições, particularmente suas atividades, em relação aos estados e aos outros ministérios, com os quais manteve modelarmente as melhores relações de estudos e providências. E a eficiência obtida é a melhor prova de sua invulgar gestão no já consagrado Ministério do Interior..."

O jornal *Correio da Manhã*, edição de 22-23 de agosto de 1970, sob o título de "O Chefão", publicou um artigo do qual destacamos o seguinte parágrafo:

"Aquele homem sempre aparecia nas linhas de frente. Não parava de perguntar coisas sobre a vida do pracinha e, principalmente, onde caíam os tiros da Artilharia. Sua maior preocupação era saber - e anotava sempre por escrito - se realmente a Artilharia correspondia aos pedidos dos pracinhas da Infantaria. Se demorava a atender aos pedidos de fogo, se a barragem era eficiente e se os tiros eram precisos.

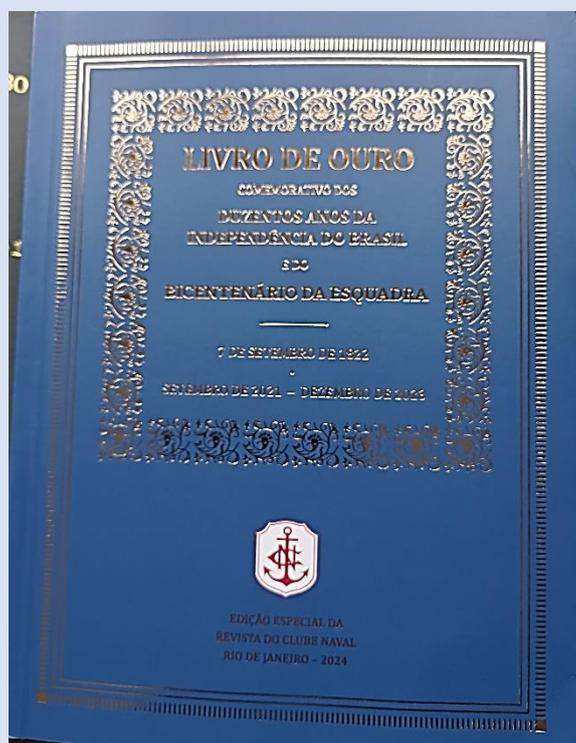
Dava e pedia cigarros aos soldados e gostava de conversar como um simples pracinha. O pracinha não sabia quem era aquele homem mais velho que ele. Sabia, sim, ser um 'chefão' pelas deferências que lhe eram prestadas pelos seus tenentes e capitães, e acabou por simpatizar com o 'chefão', embora não sabendo ao certo ainda que apito tocava aquele homem simpático, loquaz, naquela guerra suja, gelada e odiada. Depois, com o tempo percebeu que debaixo do Field Jacket o homem ostentava dois galões nos ombros e, em seu jipe, duas estrelas vermelhas, distintivo de general-de-brigada. O 'chefão' era mesmo um general”.

A Biblioteca do Exército Editora, ao aprovar e incluir no editorial de 2001 este *Diálogo com Cordeiro de Farias: meio século de combate*, propicia a seus inúmeros leitores e assinantes a oportunidade de conhecer as percepções, a visão e as reflexões de um brasileiro simples e ilustre, que esteve sempre à disposição de sua pátria, ao atravessar os momentos culminantes de mais de meio século de história.

General-de-Brigada Sérgio Luiz Vaz da Silva, Comandante da AD/1.

REVISTA RECEBIDA POR DOAÇÃO DO CLUBE NAVAL

A AHIMTB/RS recebeu a revista cuja capa abaixo segue, que é uma Edição Especial comemorativa aos 200 anos da Independência e também do Bicentenário da Esquadra. A obra, com 440 páginas, fartamente ilustrada, está à disposição dos interessados.



PAÍSES DESGARRADOS

Gen Ex Carlos Alberto Pinto Silva

É característico de seus líderes tratar de seguir uma estratégia de aos que lhe parecem mais aos seus interesses.

1. IDEIAS GERAIS

Choque de civilizações é uma teoria proposta pelo cientista político **Samuel P. Huntington**, segundo o qual as identidades culturais e religiosas dos povos serão a principal fonte de conflito no mundo pós-Guerra Fria.

“**Cultura** é um termo usado para denotar a manifestação da maneira como pensamos, nos comportamos e agimos. **Civilização** refere-se ao processo pelo qual uma região ou sociedade estende-se a um estágio avançado de desenvolvimento e organização humana”. Enquanto os povos vão diferenciando-se por sua civilização, os países com aglomerados de pessoas de diferentes civilizações ou ideologia, serão candidatos a um possível desmembramento ou a atuar em defesa de interesses contrários à sua comunidade, ou áreas geográficas, contestando a denominada “**Síndrome do País Próximo**”, e, possivelmente tornando-se, “**Países Desgarrados**”.

Não é propósito deste texto sustentar que as identidades de civilização substituíram as demais identidades, que os estados-nações vão desaparecer, que cada civilização se converterá em uma só entidade política coerente, que os grupos no interior de uma civilização não entrarão em conflito e que inclusive não lutarão entre si.

2. POSIÇÃO DO BRASIL.

O Brasil tem tentado desempenhar um papel relevante, mesmo que com pouco sucesso, como mediador em questões internacionais, buscando fortalecer laços com diferentes regiões do mundo e atuando como uma voz para os países em desenvolvimento.

“Imagina ter uma identidade híbrida norte-sul que lhe permite defender os interesses do mundo em desenvolvimento e, ao mesmo tempo, ser ouvido pelas grandes potências”.

(Por que o povo brasileiro é bem diferente?)

Busca fortalecer os laços com nações da América Latina, África, Ásia e do Oriente Médio, além de mediar conflitos, como recentemente se insinuou nas negociações entre Rússia e Ucrânia, e Israel e os terroristas do Hamas.

Parece que o papel do Brasil, como um mediador em questões internacionais, buscando fortalecer laços com diferentes regiões do mundo, e atuando como uma voz para os países em desenvolvimento, tem sido ignorado pelo mundo ocidental.

A presença do vice-presidente do Brasil, **Geraldo Alkmin**, como representante oficial do governo na posse do novo presidente do Irã, **Masoud Pezeshkian**, em 30 de julho passado; a postura do governo brasileiro, evitando críticas à reeleição contestada internamente e por diversos países, de **Nicolas Maduro** na Venezuela; e a abstenção do país na votação de resolução do Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos (OEA) que exigia maior transparência em relação à reeleição de Maduro, repercutiram negativamente na América e na Europa.

Contudo, esses fatos não fazem do Brasil um País Desgarrado.

3. PAÍSES DESGARRADOS.

É característico de seus líderes tratar de seguir uma estratégia de aos que lhe parecem mais aos seus interesses.

3.1. TURQUIA.

O país desgarrado mais óbvio é a **Turquia**, Estado moderno e laico. Aliou-se ao ocidente na OTAN (1952) e na Guerra do Golfo; solicitou ser membro da Comunidade Europeia (1987). Na Turquia, existem elementos significativos da sociedade que resistem à redefinição da coletividade nacional.

3.2. MÉXICO.

O México, no início de 1990, cessou de definir-se por oposição aos Estados Unidos e, ao contrário, tentou imitá-lo integrando-se, em 1994, ao Tratado de Livre Comércio para América do Norte, substituído em 2018 por um novo acordo chamado de Acordo Estados Unidos-México-Canadá (USMCA) (em 2023, o México superou a China como o maior exportador para os EUA, com US\$ 475,6 bilhões).

Os dirigentes mexicanos ficaram entregues à grande tarefa de redefinir a identidade mexicana e introduziram reformas econômicas fundamentais que, a longo prazo, desembocaram em uma mudança política fundamental.

No México, como na Turquia, existiram elementos significativos da sociedade, que foram contrários à redefinição da identidade nacional.

3.3. RÚSSIA.

A questão de se a Rússia forma parte do Ocidente ou é a líder de uma civilização eslava ortodoxa distinta, retoma constantemente na história russa. O tema foi escurecido pela vitória comunista, que importou uma ideologia ocidental, a adaptou às condições russas e depois, em nome dessa ideologia, desafiou o Ocidente. O domínio comunista se fechou ao debate histórico sobre “ocidentalização contra russificação”. Desacreditando o comunismo, os russos se enfrentam outra vez com a questão.

No início da década de 90, o presidente Yeltsin adotou princípios e metas ocidentais e se esforçou por fazer da Rússia um país normal que formasse parte do Ocidente.

Com Putin, vozes mais extremistas manifestam uma dissidência mais descaradamente nacionalista e opiniões antiocidentais e antisemitas, e instam a Rússia a desenvolver sua

potência militar e a estabelecer laços mais estreitos com a China e os países islâmicos. O povo russo está tão dividido como sua elite.

3.4. VENEZUELA.

Seria a Venezuela um País Desgarrado?

3.4.1. ENVOLVIMENTO COM O IRÃ.

A parceria entre esses dois países, com apoio da China, abrange diversas áreas, como política, energia e defesa, e tem sido objeto de interesse internacional. A assinatura de um acordo de cooperação de 20 anos em 2022 é um marco significativo nessa relação.

A colaboração entre o Irã e a Venezuela levanta questões sobre possíveis atividades hostis na região, especialmente considerando a capacidade ofensiva dos drones em poder da Venezuela.

A presença de barcos com mísseis da classe Zolfaghar da Venezuela perto do Golfo de Paria em 25 de fevereiro de 2024 é um fato relevante e que merece atenção.

Essa relação entre os dois países certamente tem implicações geopolíticas e no tabuleiro da política internacional importantes, e pode afetar, também, a situação na região.

3.4.2. ENVOLVIMENTO COM A RÚSSIA.

É importante destacar que a Rússia e a Venezuela têm mantido uma estreita relação, especialmente no campo militar. Há informações que sugerem a presença de tropas russas na Venezuela, e há relatos de que a Rússia possua bases militares no país sul-americano.

A Venezuela opera 21 aviões Sukhoi Su-30 de fabricação russa e possui três baterias de mísseis antiaéreos de longo alcance S-300VM, considerado um dos melhores sistemas de defesa aeroespacial da região por especialistas europeus.

O ex-diretor do Serviço Bolivariano de Inteligência Nacional, Sebin, **Manuel Cristopher Figuera**, afirmou em uma carta aos meios de comunicação que a Rússia já possui duas bases militares na Venezuela.

Além disso, o presidente **Nicolás Maduro** já declarou que pretende manter uma parceria estreita com o presidente russo **Vladimir Putin**, como forma de avançar em direção a um mundo “multipolar”.

Essa relação entre a Venezuela e a Rússia certamente tem implicações significativas do ponto de vista geopolítico e militar, e é um tema de interesse global.

3.4.3. ENVOLVIMENTO COM A CHINA.

A atuação da China na Venezuela é um tema complexo que envolve relações diplomáticas, acordos comerciais e investimentos. A China tem mostrado apoio ao governo venezuelano em questões de soberania nacional e estabilidade social. Empresas chinesas têm participado de projetos de infraestrutura na Venezuela, como a construção de uma linha de trens rápidos. No entanto, esses investimentos podem aumentar a dívida do país para com a China, tornando-a potencialmente impagável no futuro.

3.4.4. “SÍNDROME DO PAÍS PRÓXIMO”

Na evolução pós-Guerra Fria, a comunidade entre culturas ou áreas geográficas, denominada “Síndrome do País Próximo”, está substituindo a ideologia política e as tradicionais considerações sobre balanço do poder, base principal para cooperar ou formar coalizões. (H.D.S GREENWAY)

A Venezuela tem buscado o apoio da Rússia, Irã e China e tem discordâncias sérias com países ocidentais, e os próprios vizinhos.

3.4.5. A VENEZUELA – UMA CONSIDERAÇÃO

Quebra da “Estabilidade Estratégica”, que é o equilíbrio alcançado entre nações na medida em que cada lado evite realizar gastos em armamento tal que possa causar apreensão no lado oposto e uma consequente e preventiva ação armada.

Com suas ações armamentistas, e de relações internacionais de “País Desgarrado”, a Venezuela alimenta uma desconfiança nos seus vizinhos que buscam o aumento da sua capacidade bélica, como forma de evitar guerras (Estabilidade Estratégica).

4. CONCLUSÃO.

É importante ressaltar que as relações internacionais, um jogo jogado historicamente dentro da civilização ocidental, se “desocidentalizará”, e cada vez mais isso transformará em um jogo onde as civilizações não ocidentais serão atores e não simples figurantes.

Historicamente, a Turquia foi o país mais profundamente desgarrado. Para os Estados Unidos, o México é o país desgarrado mais imediato. **Para o ponto de vista global, o país desgarrado mais importante é a Rússia.** A Venezuela é o País Desgarrado da América do Sul.

“Os grupos ou os Estados envolvidos em conflito, uma guerra, contra gente ou Estados de uma cultura ou área geográfica diversa, tendem de forma natural a buscar apoio de outros membros de sua própria cultura ou área geográfica”.

Carlos Alberto Pinto Silva / General de Exército da reserva / Antigo comandante do Comando Militar do Oeste, do Comando Militar do Sul, do Comando de Operações Terrestres, do 2º BIS e da 17ª Bda Inf SI, Chefe do EM do CMA, Membro da Academia de Defesa e do CEBRES.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis

Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de

Guararapes: <http://historiapatriota.blogspot.com>